



Flávio Izhaki: memória e judaísmo no processo criativo de *Amanhã não tem ninguém*

Laura Jovchelovitch* entrevista Flávio Izhaki**

Laura Jovchelovitch — O que é o judaísmo para você? Como ele está presente na sua vida?

Flávio — Já começa com uma pergunta que eu não tenho a mínima ideia como responder. Minha relação com o conceito do que seria judaísmo vai ser difícil, porque em termos de religião, pouco, quase nada; em termos de cultura, muito. Porque para começar, meu pai nasceu lá, onde na época ainda era Palestina, em 1947. Então, ele nasceu lá depois da guerra. Vou contar a história da minha família em vez de falar de judaísmo. Meus avós por parte de pai eram da Polônia e lutaram na Segunda Guerra. Meu avô era do exército polonês. Ele foi preso, foi mandado para a Sibéria. Ficou anos preso na Sibéria e, quando ele foi preso, a Alemanha não era contra os russos. Ainda não tinha o que logo a Polônia capitulou, então eles foram mandados lá para a Sibéria pelos russos. Aí os russos invadiram por um lado, e os alemães pelo outro. E ele ficou preso lá na Sibéria por anos até que, como os russos precisavam de ajuda, eles liberaram os poloneses de lá para se aliar à guerra. Engraçado a palavra que eu usei, “se aliar à guerra”, mas tudo bem. E aí ele veio, eles vieram descendo da Sibéria. Imagina o mau front, né? Imagina, um bando de esfomeados. Porque depois de anos na Sibéria... Mas aí eles passaram por Israel e meu avô desertou do exército polonês, que ia vir a ser. Mudou de nome. Porque ele tinha um tio lá em Israel, na Palestina. Tanto que meu nome Izhaki é um nome inventado. Ele pegou de lá, [antes] era um nome polonês, Wajnkowski. Aí ele desertou do exército polonês, mas se juntou a esse batalhão judeu e foi lutar perto do Egito, em um front da África. Foi lá que ele conheceu minha avó, que também era polonesa, mas estava em Israel e estava lutando também na guerra nesse front. Depois eles voltaram para Israel. Meu pai é o filho mais velho, nasceu em 47. Pós-guerra. E eles moravam lá em Petah Tikva. Era um tipo de fazenda, só que era muito difícil, porque tinha batalhas lá o tempo inteiro. Meu pai contava que a mãe dele contava que, quando ele era muito pequeno, eles tinham que se esconder no meio da plantação enquanto estava tendo muito tiroteio,

*Mestranda em Letras, na área de concentração em Escrita Criativa, pela PUCRS. Bolsista CNPq.

**Autor dos romances *De cabeça baixa* (Guarda-chuva, 2008), *Amanhã não tem ninguém* (Rocco, 2013), eleito pelos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* como um dos melhores romances brasileiros do ano, *Tentativas de capturar o ar* (Rocco, 2016), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura, e *Movimento 78* (Companhia das Letras, 2022).



guerra. E a irmã da minha avó morava no Brasil, tinha vindo antes da guerra, convenceu eles a virem. Então meu pai veio com seis anos. Então o judaísmo para mim é muito essas histórias e esse peso. Na geração das minhas filhas é uma coisa que não tem nada mais a ver com a guerra. Enquanto para mim ainda tinha as pessoas que conviveram com isso. Toda minha família por parte de pai basicamente morreu. Depois da guerra, meu avô tinha irmãos na Holanda, foi lá ver os irmãos que tinham saído antes: tinham matado. Foi na Polônia, onde tinha uma irmã e a mãe e os pais: tinham morrido em campo de concentração. A [família da] minha avó também. Quem não saiu antes, tirando eles, morreu. Então é um peso muito grande.

E por parte de mãe, a família da minha mãe veio d[onde hoje é] a Ucrânia. Vieram para o Brasil, mas bem mais cedo. Só que assim, a minha bisavó por parte de mãe teve que se esconder na cama num pogrom, e mataram os pais dela enquanto ela estava debaixo da cama. Ela teve que vir para o Brasil porque não tinha nada mais lá para ela. Então meu judaísmo está embebido nessas grandes tragédias judaicas do século XX.

Meu pai e minha mãe se casaram muito cedo e queriam fazer *aliá*, ir para Israel. Só que meu pai era uma pessoa muito medrosa. Quando ele soube que ia precisar entrar no exército, eles casaram com 20, 22 anos, ele desistiu. Não foi. Já a minha avó e meu avô por parte de pai voltaram para lá, viveram a vida toda lá e minhas duas irmãs e meu pai também voltaram. Então eu tenho família em Israel. Minhas tias, primas, toda a família do meu pai está lá. O meu pai já faleceu. E aqui no Brasil ficou a minha família por parte de mãe. Então parte do judaísmo para mim é essa memória dessas tragédias e essas movimentações espaciais para viver, sobreviver. E na parte de mãe são os jantares que tinha. Minha avó por parte de mãe fazia jantar de Pessach, Yom Kippur. Só que lá em casa nunca teve nada de religião, eu estudei em colégio católico, então não conheço ninguém da comunidade, não conheço nada. Praticamente não entrei aqui na Hebraica do Rio a vida inteira. Só agora que a minha filha mais nova faz patinação lá, que é aqui do lado. Então os dois juntos para mim é isso: esse peso da história, que é muito grande, muito grande mesmo, sempre foi uma coisa muito presente na minha vida, sempre pensar nisso, e essas viagens para Israel, né? Porque essa família do meu pai mora lá, os primos estão lá. Aqui no Brasil não tem muita família, e minha família lá é maior do que aqui.

E esses jantares eram mais gastronômicos do que de liturgia, porque ninguém rezava. Tinha *mise-en-scène*, mas não tinha um caráter de jejuar e tal. Aí a terceira coisa um pouco mais recente é ir no Chevra Kadisha, é uma coisa quase inevitável nos últimos anos. Então essa cerimônia também de enterro, de ir lá. No Rio o cemitério é bem longe, e o Chevra Kadisha também é em um lugar do Rio que não



vou assim [com frequência]. Então é uma coisa muito ligada à morte, à religião. Eu diria que são esses os três vértices do triângulo do meu judaísmo.

Laura Jovchelovitch — Os personagens de *Amanhã não tem ninguém* têm bastante relação com a sua história no sentido de serem de uma família descendente de imigrantes judeus no Brasil. Você considera o livro uma autoficção?

Flávio — Não, de jeito nenhum. Estou até assistindo a um curso sobre autoficção e escrita de si, porque quero entender; eu não escrevo nada disso. Para começar, eu tenho dificuldade de escrever uma coisa que parte de uma pessoa e role por aí. Eu sou muito polifônico, todos os meus livros são polifônicos. Quando eu vou escrever, só consigo pensar literatura estilizando os narradores, os pontos de vista. Então fazer uma autoficção... Quem eu seria no meu livro? A mãe, o avô, o menino...? Eu sou um pouco de todos, como qualquer autor. E na autoficção, historicamente, com a coisa do Lejeune, a pessoa tem que se autodeclarar personagem ou dar o nome, tem que ter uma coisa de um pacto. Então assim, não tem esse pacto. Um livro que tem seis narradores é difícil dizer que é autoficção. Mas, tentando colocar contra a parede, a temática [do livro] é uma temática que me interessa. Naquele momento, me interessava muito e eu achava que precisava escrever aquele tipo de livro. Não sei, talvez você entrevistou muitas pessoas aqui, muitas devem contar outras coisas, que viviam dentro da comunidade, que viviam dentro dessa coisa, se rebelando contra essa coisa talvez. Os livros do Jacques [Fux] que eu li, por exemplo, como o *Antiterapias*, são totalmente dentro da comunidade. Os livros do [Michel] Laub também. Quando ele fala disso, ele fala de dentro. Eu não vivi esse dentro, meu dentro é um pouco diferente. E é interessante porque meus pais são um casamento de dois judeus, não um casamento “judeu-não judeu”. Meus pais queriam voltar para Israel. A família voltou para Israel. Mas eu nem fiz Bar Mitzvá por exemplo. Nem cogitei fazer, e eles não falaram nada.

Laura Jovchelovitch — O Patrick foi um personagem que me marcou muito. Ele vive esse conflito da assimilação, de não saber o quão judeu ele é, e eu queria saber: o quanto isso se relaciona com sua própria experiência e o que te motivou a escrever sobre esse sentimento?

Flávio — Eu estou dentro desse peso. Essa coisa de você saber que toda sua família em cima de você precisou sair de um lugar e ir para outro para sobreviver já é muito forte. Porque a gente coloca como um brasileiro, mas na verdade você é um brasileiro assim de ocasião, por causa de uma ocasião, né? Então tem essa coisa que para mim sempre foi muito presente. Na frente da casa dos meus pais, na rua ali, tinha uma escola pública municipal chamada Escola Anne Frank. E eu sempre lembro a gente saindo, eu pedia para a minha mãe contar a história da Anne Frank. Com 6 anos, li a



história da Anne Frank. Ela fala que eu li, mas acho que ela deve ter lido para mim. Então esse peso é um peso grande.

Ao mesmo tempo, como eu te falei, sou totalmente brasileiro, só pensava em jogar futebol, estudava em escola que não era judaica. Então a parte judaica da coisa era muito ligada a esses jantares na casa da minha avó. Mas eram duas, três vezes por ano. Então era uma presença não presença. E naquela época, por exemplo, não era barata a passagem ou telefonema, não tinha rede social, nada disso, então você não tinha tanto contato assim com quem morava fora do Brasil. Não era uma coisa como hoje em dia que é tudo mais próximo, que tem grupo de WhatsApp de família, não sei o quê... não tinha isso. Então era um pertencimento talvez muito mais ancorado na história do que no cultural e muito menos ainda na religião. Eu acho que o livro inteiro é um pouco sobre isso. Os vários personagens vivem várias facetas dessa situação. Um vai para Israel, uma personagem descobre que é adotada, o mais velho aprende que tem que trabalhar para sobreviver e vira relojoeiro...

Acho que o livro é sobre isso porque eu senti esse vácuo na literatura brasileira também. Tem muita gente... Eu não li muito, li um livro só da Cíntia Moscovitch, que é do Rio Grande do Sul, mas também tem uma coisa da comunidade. Eu acho que ela não era tão, tinha uma coisa de mãe judia, mas não era tão assim como o livro do Jacques que era uma coisa mais crescendo no ambiente judaico assim. Então tinha e não tinha. Então eu sentia isso. Outro livro que eu sei que a autora é judia, mas que nem lembro se tem muita coisa judaica é *A chave de casa*. A Tatiana [Salem Levy] estudava no São Vicente que nem eu, um colégio católico.

Se você for pensar, tem uma geração toda muito grande. É uma coisa curiosa, porque tinha uma turma que deve ter nascido de 75 a 80 e poucos, e tem muito escritor que tem origem judaica, muito mesmo. Daniel Galera, Michel Laub, Carol Bensimon, Tatiana, Jacques. Se você for pensar não é muito, mas, comparativamente com a expressão da população judaica em termos de número no Brasil, é um número espantoso. Eu acho incrível isso. E cada um vai achar o que contar disso, de crescer com essa questão. É bom para você fazer pesquisa sobre isso.

Laura Jovchelovitch — Como a memória participa do seu processo criativo? Mesmo que você não considere uma autoficção, você chegou a incluir memórias suas?

Flávio — Tem uma inspiração totalmente direta que eu coloquei no personagem. Quando o meu avô morreu... aquela cena que abre o livro, aquilo aconteceu comigo. Essa parte aconteceu, porque me colocaram nessa Kombi, e é muito estranho, porque você leva seu avô junto com uma pessoa que não tem nada a ver com você. Não lembro se perguntei para o rabino se eu tinha que fazer alguma coisa, acho que não, porque não é do meu feitio perguntar nada, mas talvez fiquei pensando tanto no que



eu deveria estar pensando naquele momento que aquilo ficou na minha cabeça. Então essa parte aconteceu comigo. Só que aí aconteceu com o personagem Patrick, que é um personagem que não tem muito a ver comigo, eu nem jogo videogame.

Tem uma parte que tem também, acho que é da Marlene, que tem essa coisa de jantares e tal. Eu escrevi tem muito tempo, é difícil lembrar muito, mas eu lembro dessas duas coisas. Até por isso eu acho que funciona muito bem, como uma carta de intenção do livro, que é esse peso da cultura judaica, da religião judaica, do judaísmo em si sobre uma pessoa que pertence, mas não pertence. Então isso acho que é uma carta de apresentação do que o livro quer contar.

Eu diria que [a cena da Kombi] é a parte mais significativa, porque a coisa dos jantares e tal é uma coisa de várias pessoas, e nem lembro se eu entro muito [nesse assunto]. Acho que eu falo que o mais velho jejuou, mas meu avô nunca jejuava, não tinha isso. A gente nunca ia na sinagoga. Só fui na sinagoga quando teve alguma cerimônia porque alguém morreu. Acho que não fui nem a dois casamentos judaicos na minha vida no Brasil; eu fui em Israel.

Laura Jovchelovitch — Eu tinha escrito uma pergunta que tinha bem a ver com isso, que era que no livro tem essas cenas em que o judaísmo aparece de forma mais explícita: o enterro do Nathan, as aulas de Bar Mitzvá do Marquinhos e o jantar depois do jejum de Yom Kippur na casa da Marlene. A pergunta era se você chegou a usar experiências suas para escrever essas cenas.

Flávio — O enterro já fui e vou até muito mais hoje em dia do que naquela época. Bar Mitzvá eu nunca fiz e nunca nem frequentei direito. Acho que só devo ter ido a dois também, tipo primos, uns bem distantes quando eu era criança. Como eu te falei, minha ligação com judaísmo é mais familiar, mais histórica e cultural do que religiosa. Mas assim, só para deixar claro, não é uma coisa quanto ao judaísmo, é uma coisa quanto a religião. Essa simplesmente não é uma área que me interessa muito.

Laura Jovchelovitch — Já aconteceu de você escrever, reler e só depois perceber que você tinha colocado uma memória sua mesmo que indiretamente?

Flávio — Indiretamente assim como se fosse um ato falho? Você usar memória como base, alguma coisa que aconteceu e criar ficcionalmente em cima, isso me interessa muito. Mas eu não quero me fazer de personagem nem fazer os que estão a minha volta de personagem. Tenho uma noção de ética de privacidade que eu não me sentiria à vontade expondo tão nominalmente não só a mim como os outros. Então, ao usar a memória, sempre vou cair na imaginação. Eu acho mais interessante, para mim, pelo menos. Escrever uma coisa que aconteceu pode ser bom; mas o que vai se tornar o livro se eu colocar só fatos que aconteceram e me ater a eles? Ou se tentar



encaixar uma coisa que aconteceu e que não tem nada a ver? Não quero escrever sobre isso. Mas quando você cria a partir [da memória], eu acho que é uma história que vale a pena ser contada e dá para adaptar um pouquinho um personagem que eu estou fazendo. Ou pode ser tipo no último livro, por exemplo, [em que] no final tem uma história que totalmente aconteceu comigo, assim meio sem tirar nem pôr, eu botei lá.

É uma história anedótica para tirar uma graça e humanizar uns personagens que eu estava precisando, no final do livro, trazer uma coisa mais humana. Aí eu acho que vale. Até porque a memória é uma base de como a cultura do ser humano conseguiu aprender as coisas e manter as coisas na memória e escrever. Então é bom a gente colocar no papel e tal.

Eu uso [memórias para criar], mas não gosto de pensar que vou usar isso diretamente como “Flávio está andando e aconteceu isso”. A maioria das coisas que estão passando na cabeça são coisas que eu diria que mais são coisas que aconteceram do que memórias. Não sei como você, em termos acadêmicos, separa isso. Pode ser memória porque não está acontecendo naquele momento, você está lembrando para escrever, né? Mas ao mesmo tempo não é memória assim “Ah, quando eu era criança de 4 anos, eu lembro que no jantar meu pai discutiu com a minha mãe e jogou um copo na parede”, não é esse tipo de memória. É mais uma coisa “aconteceu isso, isso e isso, naquele momento, naquele período enquanto eu tava escrevendo livro”. Não sei como é que você chamaria isso. Não é uma coisa assim ancestral no sentido de que eu tive que escavar na minha cabeça para lembrar daquilo, é mais no sentido de um fato cotidiano que aconteceu, e eu vou usar o cotidiano e adaptar no meu livro.

Laura Jovchelovitch — O quanto *Amanhã não tem ninguém* teve de organização prévia, como algum roteiro mais ou menos concreto?

Flávio— Todos os meus livros são polifônicos, então eu me meto nessas dificuldades de organizar uns livros que não têm começo, meio e fim. É um desafio muito grande, eu gostaria muito de escrever um livro linear, mas não consigo.

O que aconteceu no *Amanhã não tem ninguém*, como aconteceu também em outros livros, foi que depois de um tempo, quando eu já tenho 70% do livro, eu preciso meio que resumir cada trecho para tentar organizar aquilo. Não só criar uma ordem; em geral, já tem uma ordem mais ou menos, mas tem horas que eu vejo que “Ah, tem um buraco aqui que eu preciso esclarecer”, eu tenho que ver uma ordem, onde eu quero chegar com isso... Então em geral eu escrevo mais ou menos metade do livro antes de realmente partir para esse momento da organização que é meio caótico. Eu tenho essa coisa mecânica mesmo de colocar no papel cada trecho que eu escrevi, para tentar fazer. No último livro, por exemplo, até escrevi à mão. Tenho até um



caderno. A Companhia das Letras na época me pediu foto do processo criativo para eles colocarem no Instagram. Eu escrevi, viajei para Itaipava, e realmente recortei as coisas para tentar organizar. Se tirasse [essa parte do processo], não teria condição, é muito personagem, muita movimentação.

E aí no processo de edição em si [do *Amanhã não tem ninguém*] a editora na época sugeriu nomear os capítulos com os participantes para dar uma facilitada, e eu acho que foi bom. Colocar as personagens no início de cada capítulo, como “Ana e não sei quem”, já dá uma situada, porque é muito grande o arco narrativo. Apesar de ser uma ajuda para o leitor, eu concordei que foi uma boa observação, acatei e a gente fez.

Nos meus três últimos livros, depois de entregue o livro em si, ainda achei que precisava escrever uns trechos pequenos e escrevi. Todos tiveram essa peculiaridade. No *Amanhã não tem ninguém* o que escrevi bem posterior foi a coisa de ela ser adotada. Foi totalmente posterior ao momento em que eu já tinha achado que tinha terminado o livro. Acho que também agregou porque dá uma outra camada, a coisa da herança, de pertencer ou não pertencer, também joga um pouco com o absurdo, porque joga um pouco com a coisa da religião judaica. Uma pessoa que historicamente seria guardiã da continuação da religião na família, na verdade, em termos da lógica religiosa, não seria judia. Então acho que fazia um contraponto interessante.

Essa coisa de montar realmente foi difícil, porque também não comecei a escrever o livro pela cena inicial; nunca começo a escrever o livro pela inicial. Ele não partiu dali. Nem lembro o que eu escrevi primeiro, mas não foi essa cena do enterro.

Tenho até que achar no caderno, porque os personagens que eu tinha marcado para ser não eram esses exatamente. O Marquinhos não existia, com certeza. Foi uma coisa que entrou ali no meio. A nora também não tinha. E essa é a beleza de escrever, né? Você vai para um livro meio de peito aberto. No outro dia eu dei um curso chamado “É isto um romance?”, foi a primeira vez que dei um curso. E falei muitas coisas. No fundo, eu acho que esse planejamento é importante, mas você tem que se deixar aberto para essas surpresas. Você não está escrevendo uma escaleta, você está escrevendo um livro. Sei que tem gente que só funciona assim, mas eu não sou metódico desse jeito. Tenho amigos que são, planejam cada passo do romance. Eu não consigo.

Flávio — Você está estudando o quê?

Laura Jovchelovitch — Eu faço mestrado em Escrita Criativa. Uma parte da dissertação, que na verdade é a maior parte, é um romance que estou escrevendo. E tem temática judaica. É ficção, mas tem algumas coisas que eu ficcionalizei a partir



de memórias. Tem outras que não. Foi por isso também que quis pesquisar [o papel da memória na criação ficcional de escritores judeus brasileiros contemporâneos] na outra parte da pesquisa, a parte teórica. O romance tem muito a ver com isso do pertencimento ou não pertencimento. Eu também cresci meio fora.

Flávio — Vai ser bom ler então, uma coisa assim parecida em termos desse estranhamento de pertencimento não pertencimento. E eu tenho visto isso se espalhar mais por muitos temas não só judaicos. Pessoas negras, por exemplo, escrevendo sobre isso do ponto de vista do movimento negro, da família que de repente cresceu com um pouco mais de dinheiro se sentindo estranha em relação a quem não cresceu. É uma coisa interessante, que rende literariamente. Também se é uma coisa muito sem conflito não rende. Então conflito na verdade é uma coisa eterna, da gente ter que responder por isso, mas não estar tanto embebido nisso. Não à toa você está me perguntando sobre isso. Se fosse perguntar uma coisa sobre crescer como as pessoas imaginam que todos os judeus crescem, fazendo Bar Mitzvá e frequentando acampamentos judaicos e catando laranja no Kibbutz, e esse imaginário de que sempre são pessoas muito ricas... Tem essa questão.

Ao mesmo tempo, para mim [esse conflito] foi muito forte. Muito forte. E eu consigo ver que para as minhas filhas não vai ser nada a ver com isso. Talvez para você já não seja. Não sei, estou chutando. Talvez seja justamente o contrário, porque a sua geração já está tão longe desse drama dos pogroms. Até para mim é difícil realizar isso, conhecer uma pessoa que sofreu um pogrom, é muito longe. Mesmo a Segunda Guerra para você é muito longe. Então talvez para vocês [o conflito] seja exatamente não ter essas histórias tão perto. Não sei, estou viajando, talvez você tenha, mas também é mais uma coisa de imaginário judaico. Talvez para você Israel seja mais essa coisa que as pessoas falam, hoje em dia Israel é muito mal falado. Difícil elaborar mais, mas você entendeu.

Laura Jovchelovitch — **Quais foram as suas principais referências para escrever o livro? Você lembra de ter lido outros livros escritos por autores judeus?**

Flávio — Não especificamente para escrever esse livro, mas sim. Philip Roth eu sempre li, outros também. Você vai crescendo com aquilo ali, Woody Allen... todos... Como eu sempre tive interesse nessas histórias, foi uma coisa natural, não tive exatamente que fazer uma pesquisa sobre isso, porque eu queria escrever justamente sobre esse estranhamento. E assim, por exemplo, o Philip é uma coisa totalmente diferente, é uma outra geração, logo no pós-guerra, é a geração dos meus pais talvez. Teve que migrar ou que a pessoa diretamente em si não teve. Apesar de meu pai ter vindo para o Brasil, ele veio muito cedo, não tinha nem feito 6 anos quando veio. Ele teve toda a trajetória de escola [aqui], não é uma coisa assim que ele sentia falta de outro lugar. O lugar para ele era o Brasil.



Não pesquisei muito, até porque as coisas que são judaicas eu queria escrever do ponto de vista desse estranhamento. E as outras coisas... a coisa do videogame, por exemplo, fiquei olhando o primo da minha mulher que é meio viciado em videogame. Tem um primo meu que é médico que estava se formando naquela época. Fiquei imaginando um pouco como deve ser um médico residente lidando com a primeira morte. Foi um trabalho mais de observação do que de pesquisa, de leitura ou de perguntar.

Laura Jovchelovitch — Considerando seus outros livros, como você acha que a memória aparece no seu processo criativo como um todo e qual a relação disso com o judaísmo? Memória nas suas mais amplas formas.

Flávio — Quando comecei a escrever, bem mais novo, como todo mundo geralmente começa, eu comecei pelo conto. O conto tem uma coisa que usa muita memória como uma coisa epifânica. Acho que criei uma coisa de tentar fugir disso, porque acho que é uma fórmula. Comecei a ler e via toda a galera ali escrevendo assim, vira quase uma muleta. Sabe aquele conto em que a pessoa vai e lembra, de repente percebe uma coisa, tem uma epifania a partir de uma memória?

Então eu gosto da memória que não explique nada, que só traga alguma coisa e tente montar um panorama muito maior e muito mais quebradiço, menos de certeza. Não gosto de uma memória que explique.

Ao mesmo tempo, uma memória histórica eu acho interessante. Usar a história para criar uma memória a partir de fatos reais. Como aquele trecho lá da Polônia que eu falei. Não é uma memória real. A memória é inventada, como se fosse um fio de verdade, o fio de uma coisa que aconteceu, um fato.

Mas em termos do *Amanhã não tem ninguém* acho que tem muito, porque a memória no caso ali é essa *mise-en-scène* desses jantares. Tem esse ponto da memória talvez como ponto de partida, não como fim, porque me interessa muito mais a ficção.

Laura Jovchelovitch — Você já escreveu livros mais próximos da sua realidade e outros mais distantes. Você consegue apontar semelhanças e diferenças nesses dois processos?

Flávio — Eu fico pensando que escrever uma coisa que aconteceu mesmo é muito mais fácil. [Você pode perguntar] para quem está escrevendo assim, e eles vão falar que não, mas quando escrevi coisas que aconteceram, eu senti uma facilidade muito grande. Muito maior do que você fabular, porque, quando você vai começar a escrever um livro e você está criando o personagem, antes de ele abrir a boca, antes de ele pensar, você tem que montar toda uma lógica interna para aquilo funcionar que é totalmente diferente de você falar “Eu tô escrevendo sobre a minha cabeça e é assim que eu penso e foi assim que eu fiz e foi isso que eu vi. Isso aqui existe, se você



quiser olhar aquela rua se chama tal, naquela esquina tem um prédio ali e se não tem é porque antes tinha”. Eu acho, sinceramente, o desafio de escrever uma ficção que não fale de si muito mais difícil, para se manter em pé. Você consegue escrever de qualquer jeito, mas o personagem pode não ficar crível ou então ser totalmente você. Também tem isso. Você pode escrever uma ficção e você não é médico, mas se o médico pensa exatamente como você...entendeu?

Laura Jovchelovitch — Que diferenças que existem entre o olhar que você tinha do *Amanhã não tem ninguém* na época em que escreveu e o olhar que você tem dele hoje?

Flávio— Eu não releio muito o que eu escrevo (risos). É uma coisa que você fica tão entranhado naquilo por anos, e o processo editorial é um negócio que demora tanto. Tanto no sentido de que você termina, aí você tenta arranjar uma editora, aí fica esperando, e enquanto isso você ainda está no livro, aí dão o ok, assina o contrato, mas aí só vai sair daqui um ano. O tempo da literatura é um tempo muito distendido, muito distendido. Então você fica tantos anos naquilo, só você e você, que depois eu não tenho forças para voltar naquilo tanto. Eu acho engraçado porque o *Amanhã não tem ninguém* foi o livro que demorou mais, com certeza, nesses hiatos entre escrever e esperar publicar e tal. Se eu abrir o livro, às vezes vão ser partes que sei basicamente de cabeça. Não de cabeça, mas assim, eu sei o ritmo, sei onde estou querendo chegar ali em cada trecho, porque demorou muito. De certa forma para mim foi o livro mais importante. Meu livro. Não estou falando que é o melhor. Para mim é um livro que foi o mais importante de eu ter escrito, acho. Porque aquele tema para mim era importante.

O meu primeiro livro é uma coisa muito de juventude, com personagem escritor, um livro mais de história, história no sentido de que tinha uma coisa acontecendo e a ideia era boa, mas tem menos a minha voz do que esse aí, por exemplo. Depois, o terceiro livro também, o terceiro e o quarto também têm, mas têm outras questões. Uma coisa que eu fico pensando muito, principalmente quando dei o curso, é o que leva a pessoa a escrever aquele livro. Depois de eu ter escrito quatro, eu sei quanto tempo demora para escrever um livro e quanto esforço demanda também; sea pessoa não tem um motivo muito grande para escrever aquele livro, ela não vai conseguir escrever. Não que ela não vá conseguir acabar, mas não vai escrever do jeito que merece, que ela imaginava. Então eu acho que [o *Amanhã não tem ninguém*] tem muito mais sentido, mais motivo do que o primeiro. O quarto também tem muito, porque é uma coisa que me incomoda muito, mas é totalmente diferente, porque nasceu de um assunto que me incomodava. E o terceiro é uma coisa de culpa, de relação de pai e filho, que também me interessa muito. Em cada fase da vida a gente tem uma questão.



Então o [olhar do *Amanhã não tem ninguém*] que tenho agora é uma projeção do que o livro é, não sei se ele é aquilo, porque esse livro saiu em 2013, eu acabei no final de 2010, então já tem 14 anos. Quando lancei esse livro, eu já tinha uma filha. Quando escrevi, eu não tinha filha, por exemplo. Mas explicando que ele demorou tanto, eu tinha lançado o primeiro livro, ele tinha ido bem, mas era uma editora muito pequena, e eu achava que era importante passar para uma editora maior. Então eu me sujeitei, vamos dizer assim, a ficar esperando a Rocco, na época, topar fazer o livro e, depois de topar fazer o livro, publicar. Os meandros lá da editora. Demorou mais de um ano, mais de um ano e meio, sei lá, até entrar no cronograma, entre assinar o contrato e sair o livro. Mas foi a decisão certa. É uma coisa também que eu penso muito, que nessa carreira literária, entre aspas, a pessoa tem que entender o que ela quer. Às vezes é importante você lançar por uma editora pequena para mostrar o seu trabalho, para você se apresentar. Agora, tem certos pontos que não. Mas se você confia no livro, você tem que tentar batalhar para o livro chegar num público maior, furar uma bolha de amigos só. Essas editoras maiores não acompanham esse mercado de editora menor. Então às vezes vale a pena você ter essa paciência, procurar uma pessoa mais velha, no sentido que possa ela entregar para a editora. Mas é difícil. Na minha época já era difícil. Na sua geração então que quer tudo agora, falar que vai ser publicado em um ou dois anos é surreal. Ao mesmo tempo, tem muito mais editora hoje em dia capaz de fazer processos editoriais tão bons quanto. Só que tem outras coisas que a editora menor não consegue.

É isso, o *Amanhã não tem ninguém* é um livro que eu lembro com muito carinho, em termos de realização. Foi um livro que me apresentou e foi muito importante, porque entrou em vários jornais, no final do ano O Globo colocou nos melhores do ano deles, aquilo para mim foi o máximo. Foi semifinalista do Portugal Telecom na época também. Acho que [tudo isso] vai abrindo caminhos para você continuar publicando, para as pessoas te lerem. E eu achei que o tema era o que eu queria falar naquela época e do meu jeito.

Enviado em: 30/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024